

VIII ENCONTRO POETAS DA NOSSA TERRA

EVOCAÇÃO A BERNARDO SANTARENO

Ano 2020



Diz-me, Bernardo!

Eu, Joana,
nascida nas páginas do teu livro,
continuo viva e cada vez mais bela.
Quis a má sorte que nascesse bonita
Rosto esculpido em pétalas de cera
Corpo de mulher formosa, ardente de desejo
Porque me fizeste assim?
Diz-me, Bernardo!

As mulheres da Aldeia Velha
Mordem-se de inveja por eu ser tão bela
Culpam-me de todos os males da aldeia
Agora, dizem que ando a atazanar os homens
Até o António e o Rui se mataram por minha causa!
Tivera antes nascido feiosa e carrancuda!
Porque me fizeste assim?
Diz-me, Bernardo!

Até o padre Júlio anda a seduzir-me
Dizem que me entreguei a ele, lá na sacristia,
Debaixo dos olhos do Senhor
Sou uma pecadora, insinuam
Tenho o Diabo no corpo, falam
Porque me fizeste assim?
Diz-me, Bernardo!

Já toda a Aldeia Velha sabe
Que estou possuída pelo Demónio
E hoje, no Ano da Graça do Senhor de 1933,
Vão exorcizar-me
Vão queimar-me viva na Fogueira Santa!

E toda a aldeia veio para assistir ao espetáculo
"Perdoai-lhes Senhor porque não sabem o que fazem."
Foram também as minhas últimas palavras.

Passaram 100 anos desde o teu nascimento, Bernardo.
Queria saber se valeu a pena terem-me sacrificado na Fogueira Santa
As mulheres conquistaram, finalmente, a Liberdade?
Aquela de que tanto me falavas?

Já não há Fogueiras Santas?
E as mulheres são livres para amar?
Diz-me, Bernardo!

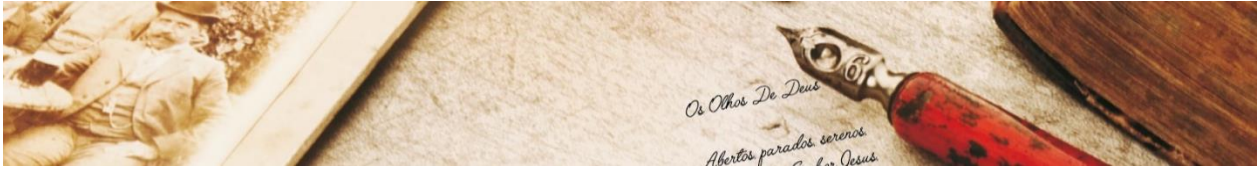
Passaram 100 anos desde o teu nascimento,
Meu querido Bernardo Santareno,
E eu, Joana, nascida pelas tuas palavras escritas,
Continuo a viver nas páginas do teu livro, "O Crime da Aldeia Velha",
Bela e formosa.

E tu, Bernardo?
Continuas vivo na obra que deixaste?

E o preconceito?
Ainda existe?

E as mulheres?
Já são livres para amar a liberdade?
Diz-me, Bernardo!
Diz-me!
Diz-me!

Ana Simão



Bernardo Santareno

Foram talhadas, do mesmo pão,
As obras de Santareno
Ele assim disse, sem confusão
Em diálogo, pouco ameno
Foi pão, que o diabo amassou
Pois nada nele foi sereno!
Foi poeta das verdades
Das duras realidades
Com que a vida o confrontou
Foi dramaturgo convicto
Não querido... nem bem visto
Na sua escrita, que amou.
Foi de inquietação total
Sofreu na pele, esse mal
E seu saber, foi muito além
De um simples médico,
Em Santarém.

Deu ao Mundo, o seu saber
Ó gentes do meu País
E deu-se ao mar, no seu querer
Por lhe faltar a Raiz.

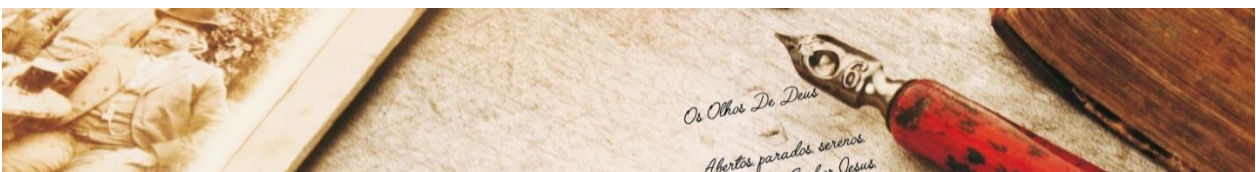
Como médico, ou pescador

Entre cada vaga, escreveu sonhos
Entre cada sonho, escreveu a dor
E em cada cena, escreveu a vida
E em cada vida, mais dor, que amor.

Foi sua arte! A cultura intemporal.
Pela sua dor sentida,
De incompreensão irracional
Chegou a raiva... o cansaço,
Entre o seu querer, e os nãoos,
Da recusa Nacional.

Desistindo... chegou a morte
Acabando assim o frenesim,
De um artista, de um escritor
Bernardo Santareno
Fez descansar os tormentos
De um dramaturgo, infernal!

Lídia Frade



Bernardo Santareno

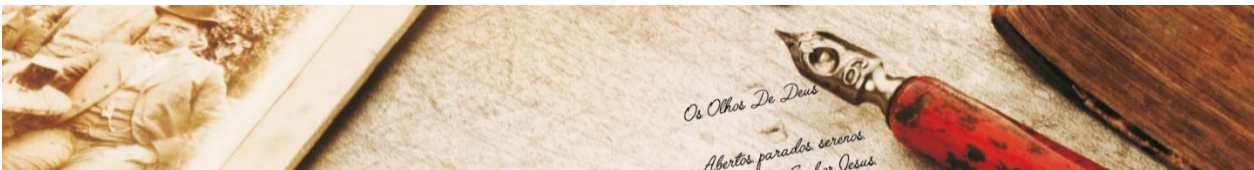
Quando a mente do homem é maior que o seu tamanho,
Quando as palavras o impregnam, num incessante crescendo,
Um lamento, na solidão escava e sentida das ondas do mar,
Qual uivo desconsolado do vento.
Quando o chamamento o sentencia à escuridão,

Da lenda solitária dos vocábulos,
A alma fragmenta-se em cordéis de letras soltas,
Escudo poderoso, num Cosmos de celas e grilhões.
Quando a palavra resiste e peleja,
E voa, nas asas talhadas dum mundo de censura.
Quando o tudo é nada e o pensamento não se resigna,
Trauteando a melodia do sol e da lua,
Do mar e das ondas, do homem e das suas prisões.
Quando a vida é maior que a morte,
O sonho maior que a noite.
Quando o desejo é maior, que o ato da paixão,

Quando as asas se erguem e rasgam o céu,
O homem escreve a sua solidão.
E a alma que nunca foi sua,
Divaga solta, livre e desnuda.
Quando o homem é maior que os seus sonhos,
Porque a palavra o agiganta,
Nasce em si uma vontade que o algema.
Quando o homem tem dentro de si,
Todos os ecos de um mundo escuro,
E a força das palavras, num murmúrio antigo.
Guarda-as no bolso, de uma página em branco,
Numa sequência de sonhos e vontades,
De quem sabe e sente, que não se pode silenciar.
Quando o homem é maior que os seus fantasmas,
O medo não cala, mas embala.
Quando o homem não cabe mais, por debaixo da sua pele,
Porque o inconformismo é maior,
São as palavras que o salvam.
Letra a letra queimando, numa fogueira de sonhos,
Onde a alma se perde e os olhos se inundam.

Porque na chama quente que acalenta o rosto e o espírito,
Arde a dor de não se permitir Ser ausente.
Num mundo escuro,
Cinzento e mudo.

Catarina Nunes Betes



Cem anos de idade

"A Torre das Cabaças vai marcando minutos e horas
De um tempo que já não é o teu.
As próprias vitórias te nasceram prenhes de fracassos.
Caminhas para o sol poente, e a noite de breu,
É esse destino que choras.
Entardeceu-te a alma e precede-te os passos
Uma sombra demasiado longa, e pesada demais para as tuas forças.

Nada de novo que te não pareça velho,
Na tua errância de judeu:
Sobre papéis rasgados é que escreves
O enredo e a trama
Dessa tua dor insuportável de estar vivo.

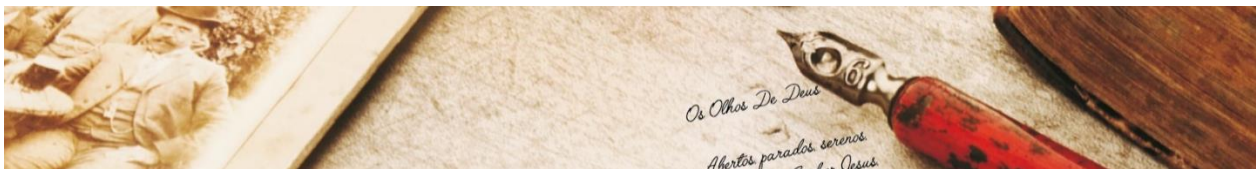
Dos estandartes vermelhos que ergueste e que seguiste
Na pujança dos quarenta e cinco anos de idade
– livros como bandeiras! – resta-te a comodidade triste
Da manta de um rubro desbotado, aconchego dos joelhos.
Horroriza-te a mirada opalina da víbora que através dos teus olhos se vê ao espelho
É não se ama.

O anel prateado do olival abraça
Esta aldeia velha como um beijo
Do luar mais frio dos mais gélidos Fevereiroiros:
Xantarim, a alta, Xantarim, a mansa,
Xantarim, a lenta marinheira dos esteiros do Tejo.

E já não há em ti raiz que não seja morte, não há passo que seja de dança,
Nem riso que seja graça, nem entremez que te faça sorrir.
Não há mais falas nem cenas para a tua personagem,
Nem há mais esperança, nem promessa nenhuma que o mundo te possa cumprir.
Apenas essas horas para que já não tens tempo,
Esse peso demasiado para a tua balança,
E essa grande dor ancorada ao tempo que passa.

[Ao Dr. Joaquim Martinho da Silva, com alta estima e afectuosa gratidão]"

Rui Falcão de Campos



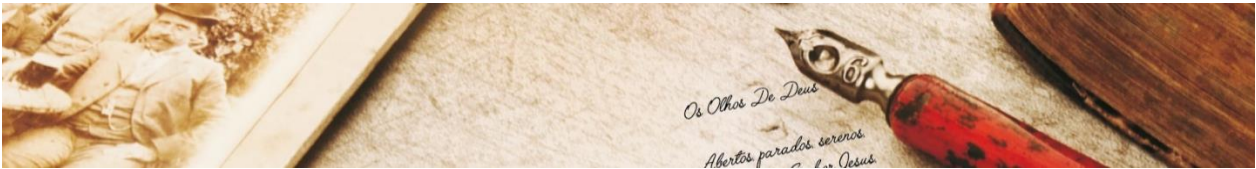
O VALOR DAS PALAVRAS E DA POESIA

Escrevo numa inconstância de sentires,
Na busca de algo novo
Procuo entre palavras e pressentimentos
Algo que pouco significado tenha,
 porque ser poeta, é nada fazer sentido.
Tento alcançar margens inalcançáveis,
Ao encontro do que me possa satisfazer
Procuo entre a calma e o terramoto
Algo que possa colocar num jogo de palavras
 que nada têm para dar.
Entre o estar e não estar, o ser e nada ser,
Entre a época que foi e a que está para chegar,
Entre o alcançável e o que já se perdeu,
Procuo algo que me dê uma direção a seguir,
 mas sem qualquer sucesso.

É assim o ser na construção desconstrutiva,
Entre o ser poeta, dramaturgo, ser humano,
Reconhecendo Bernardo Santareno, o gigante
Na arte das palavras, um ser empolgante em
relação ao qual, ainda estou bem distante.
Que as suas palavras perdurem,
As suas guerras de paz não se silenciem,
Que a sua garra arrebatadora se expanda
E que gerações mais novas aprendam o
valor que as palavras podem ter!

Lídia Palminha

Pseudónimo: Litas Ricardo

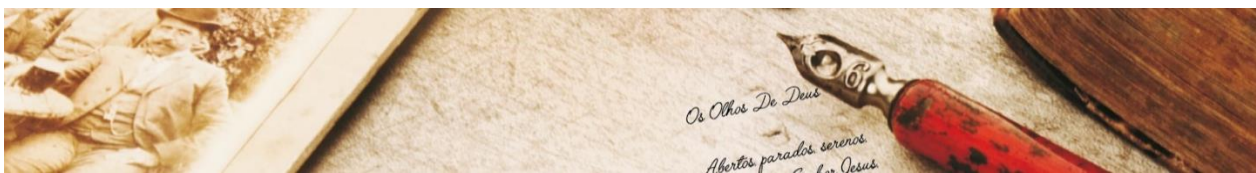


ELEGIA A BERNARDO SANTARENO

António Martinho do Rosário foi um homem que sofreu para evitar sofrimentos
e passou por inúmeros tormentos
em alguns dos lugares por onde andou
foi médico, poeta, dramaturgo e escritor
de imenso mérito e valor
e o pseudónimo de Bernardo Santareno adoptou
Santareno, porque nasceu em Santarém
que muito amou, como amou a própria mãe
embora tenha tido outros amores
que lhe fizeram soltar imensos ais
alguns por não serem os preferidos de seus pais
tornando-se por isso a causa de dolorosos dissabores
Suspendeu os seus estudos quando em Coimbra e regressou a Santarém
por muito querer a sua mãe
e a sua doença lhe causar preocupações
Com o pai teve algumas desavenças
por causa de divergências relativas às suas crenças e descrenças
factos que entre os dois motivaram várias discussões
Sempre disposto para os outros ajudar
dispôs-se a nos "lugres" e no Gil Eanes embarcar

com destino aos longínquos mares da Terra Nova
onde como médico, teve de cuidar dos pescadores
que aliviou nas suas doenças e das duas dores
colocando os seus conhecimentos, então à prova
Esses pescadores que nos "dóris" costumavam ir pescar
e que por vezes as suas vidas ali iam deixar
perdidos nos nevoeiros desses mares distantes
que Santareno teve a arte de tão bem descrever
e por isso os Mares do Fim do Mundo e outros dos seus livros há que ler
pois neles descreve com ternura esses semelhantes
Todas as homenagens serão poucas para pagar
tudo aquilo que Santareno nos soube dar
e que devemos honrar sem quaisquer restrições
Por isso aqui estamos a venerar
esse homem e escritor ímpar
que para sempre ficará nos nossos corações

Joaquim Vale Cruz – 2020 - 03 – 21



Homenagem a Bernardo Santareno

Nem seis décadas de vida completou
ainda assim, seu nome na História ficou,
morreu na raiz a dilatar
com tanto para crescer e ensinar!
Tratou do sentir de tanta gente
como médico e poeta indulgente,
lutou pelas causas da liberdade
para que cada um tivesse igualdade!
A bordo de navios, ele pode sonhar
embalado pelas ondas do mar,
escrevendo "A Promessa" e até "Narrativas"
enquanto, no mesmo embalo, salvava vidas!
Na sua passagem, rasto de luz deixou

Anjos tocaram no "Desencontro" da poesia
marcando a diferença que ficou
da imensa força e alegria!
E o "Judeu" que tanto incomodou,
Bernardo Santareno o "Inferno" criou
a "Traição do Padre Martinho" na sua rebeldia
e daquela forma, a sua escrita definia!
Como ave no firmamento
desenhou tanto lamento!
Foi "Arlequim" numa escrita revoltada
enquanto, via tanta vida escravizada!

Eugénia Frazão, março de 2020